





LAURA PRADO

FOLHA DE CRISTAL



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Laura Prado, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Prado, Laura

Folha de cristal / Laura Prado. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-60-1

1. Ficção brasileira 2. Drama 3. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Dedico este livro ao Criador da “Floresta de Cristal”. A todo aquele que quer conhecer a *verdadeira* floresta e seus caminhos.

À minha mãe, que me ensinou as lições mais valiosas, que foi indispensável para inspirar minha escrita. Ao meu pai, o homem que já pensei ter superpoderes, que hoje é meu grande exemplo.

Aos meus irmãos mais novos, Rebeca e Marcelo, que muitas vezes me enlouqueceram, mas que tornam os dias mais coloridos.



Insondáveis sentimentos permaneciam trancafiados no porão do meu corpo, chamado coração. A chave para liberá-los se perdera junto com a menina de doze anos. A máscara criada se rachou, e, da rachadura, caiu a chave perdida. Naquela noite, eu me permiti chorar.



1

Erraram ao dizer que aquela família era perfeita, que tomavam café da manhã juntos todos os dias; que, aos sábados, andavam no parque; e, aos domingos, iam à igreja e almoçavam em família. Erraram ao ver minha família como exemplo, e erravam todos os dias sobre mim.

— Ei, esquisita, a aula já acabou. É melhor acordar se não quiser ficar na escola — disse um menino, distraíndo-me de meus pensamentos e jogando bolinhas de papel em mim.

Peguei minha mochila e passei reto por Joaquim, que continuou a jogar bolinhas.

Esse era o julgamento errado que a maioria das pessoas daquele lugar tinha sobre mim, pensar que eu me importaria em ser chamada de “esquisita” ou viver com bolinhas de papel no cabelo.

— Rebeca, por favor, venha aqui — chamou dona Lucinda, a inspetora da escola.

A voz fina e o olhar dela já me diziam que uma bronca estava por vir.

— Sim, dona Lucinda? — perguntei, receosa.

— A senhorita sabe que não é permitida a entrada de alunas com as unhas pintadas. As suas unhas estão pintadas e ainda por cima com cores escuras.

Vermelho não era uma cor escura. A parte mais legal de estudar em uma escola católica era pintar a unha e entrar de brinco.

– Me desculpe, dona Lucinda. Prometo que segunda-feira não estarei usando esmalte.

Meu sorriso de escárnio estragava meu disfarce, fazendo com que a inspetora apertasse os olhos para me advertir mais uma vez.

Eu estudava naquela escola desde o berçário. Até o sétimo ano, eu era considerada a melhor aluna, a que era usada como exemplo de comportamento e notas e com facilidade em fazer amizades. Nem tudo é para sempre.

Quando eu estava prestes a fazer doze anos, meu pai parou de almoçar e jantar comigo e com minha mãe. Um belo dia, aquela menininha decidira ir com a mãe fazer uma surpresa àquele que considerava seu herói. Chegando no escritório dele, seu herói se tornara o pior inimigo, e desde aquele dia aquela menininha vivia sob o mesmo teto com as pessoas que mataram seus contos de fadas: meu pai e a mulher que o envolvera em uma doce traição.

É engraçado pensar que, se eu não quisesse ter feito uma surpresa para ele, eu e minha mãe nunca teríamos descoberto a verdade. É melhor viver na verdade amarga do que em uma falsa ilusão.

Andando da escola até minha casa, desfrutava da calma para organizar os pensamentos alvoroçados, e notei que Lucas passava de carro. Tentando permanecer na calma, ignorá-lo parecia uma ótima ideia.

– Rebeca, estou a chamando faz tempo. Você é muito distraída.

Ou só tentei ignorá-lo.

Lucas tinha sido um grande amigo de infância, assim como sua irmã, mesmo que passássemos a maior parte do tempo brincando. Ele tinha dezenove anos e um ano antes fazia faculdade

de direito, no entanto abandonara o curso para trabalhar com o pai, que fazia alguns móveis em madeira. Os olhos escuros dele eram penetrantes, tão encantadores quanto o cabelo cacheado.

– O que você quer, Lucas?

– Oferecer uma carona. Sua casa ainda está longe e parece que vai chover.

Ele estava certo, começaria a chover. Eu tinha poucos segundos para pensar na desculpa perfeita para recusar.

– Desculpe, não vai dar.

– Por que não?

– Porque eu não quero.

Continuei a andar, ignorando o carro atrás de mim.

Ele fora uma das poucas pessoas que não tinha me julgado nem fingido que eu parara de existir. Mesmo assim, não queria tê-lo por perto, pois a irmã dele, que estudava na minha sala, fora uma das primeiras pessoas a ignorar meu pedido de ajuda.

Senti algumas gotas de chuva na bochecha, o que me distraiu dos pensamentos e me fez olhar para trás. Ele continuava lá, com um olhar convencido, sabendo que eu aceitaria a carona. Depois de alguns segundos, lá estava eu, no banco do passageiro. Na tentativa de calar as vozes da minha cabeça, que diziam para conversar com ele, coloquei os fones de ouvido e fechei os olhos, adormecendo.



– Rebeca, chegamos.

Ele me cutucava para eu acordar.

Fiquei alguns segundos apenas olhando para minha casa, ou melhor, a casa de meu pai e da esposa dele. Após o divórcio, meu

pai conseguira minha guarda, já que minha mãe não tinha mais condições de me criar. Mesmo que tenha ocorrido cinco anos antes, tinha sido na véspera do meu aniversário. Talvez fosse o motivo de tantos pensamentos.

— Quer que eu abra a porta para você? — perguntou, afastando os cabelos do rosto.

— Está me expulsando do seu carro?

— Não. Você está aí parada, olhando para sua casa com cara de cachorrinho pedindo comida. — Balancei a cabeça de um lado para o outro e desci, sem medir a força para fechar a porta. — Rebeca, meu carro não é geladeira para ficar batendo a porta — gritou ao mesmo tempo que eu entrava em casa.

Logo que entrei em meu quarto, encontrei uma caixinha com um bilhete que dizia:

*Para seu almoço especial amanhã.
Com amor, mamãe e vovó.*

Abri a caixinha que trazia um prendedor de cabelo, com um laço azul-escuro.

Minha mãe passara a morar com a minha avó depois daquele dia. Elas sempre faziam de tudo para tornar o dia melhor e esquecer o que tinha acontecido.

— O que é isso? — Mariana indagou, entrando de surpresa em meu quarto.

Era minha meia-irmã de cinco anos, o único motivo do meu sorriso naquela casa.

— É um lacinho, Mari. Quer ver como fica em você? — Ela sorriu e deu alguns pulinhos. Coloquei o lacinho nela, que realçou

o azul de seus olhos. Ela carregava as características do meu pai, assim como eu. Éramos muito parecidas, tirando a cor dos olhos: os meus, castanho-claros, que puxei da minha mãe, e os dela, azul, iguais aos do meu pai. — Você quer ir almoçar comigo amanhã? — perguntei com carinho.

— Na casa da mamãe Ana? — quis saber, empolgada, e confirmei balançando a cabeça. Ela chamava minha mãe de “mãe” também, o que fazia com que minha madrasta se irritasse, porém eu amava. Confirmei, e ficamos juntas, escolhendo a roupa que usaríamos. Cada vestimenta tirada do cabide era colocada na cama, criando uma grande bagunça. — Beca, a tia Bebel não vai gostar da bagunça. Me ajuda a guardar minhas roupas? — Mariana perguntou com um sorriso sapeca.

Isabel — ou Bebel, como minha irmã a chamava — era sua babá. Cuidava dela como uma boneca e ajudava a arrumar a casa. Bel cuidava muito mais de Mariana do que minha madrasta, o que causava certa divergência entre as duas.

Isabel já não estava em casa. Eu e Mariana ainda guardávamos as roupas dela no momento em que o carro do meu pai chegou, depois de buscar Nicole, mãe de minha irmã.

Os passos pesados subindo a escada indicavam a aproximação dela. Seu sapato de salto se chocando contra o piso estava cada vez mais próximo. Ela apoiou a mão no batente da porta, lançando para mim um olhar gélido.

— Gabriel — Nicole chamou pelo meu pai. — Olhe a bagunça que sua filha fez no quarto de Mariana! — gritou assim que entrou no quarto, e, sem querer, soltei uma gargalhada.

— Não é bagunça. Estávamos escolhendo roupa para almoçar na minha mãe amanhã. Não é, Mari?

— Eu e a Beca vamos comer na mamãe Ana amanhã — Mariana respondeu, animada.

Encarei Nicole com um sorriso presunçoso no rosto e as sobrancelhas arqueadas. Ela saiu do quarto pisando forte, falando o quanto eu era uma má influência para minha irmã.

Algumas horas depois, meu pai chegou no meu quarto, chamando-me para jantar. Antes de ir, ele sempre precisava ter uma “conversinha” comigo sobre tratar Nicole bem e parar de provocá-la. Ele sempre usava o mesmo discurso, perguntando se eu o amava e se queria vê-lo feliz.

— É irônico você usar esse discurso sempre, *papai*. Quer dizer que cinco anos atrás você não me amava, pois estragou toda a minha felicidade — joguei as palavras sem me importar com as consequências.

Seu olhar de reprovação machucava mais do que qualquer bronca.

Em questão de segundos, eu estava trancada no quarto, chorando. Horas passaram, e eu não conseguia dormir. Olhei para o lado, para aquela gavetinha com tranca, cuja chave apenas eu sabia onde estava.

Logo que minha mãe descobrira a traição do meu pai, ela começou a fazer terapia e outros tratamentos. Três anos depois da traição, em uma visita que tinha feito a ela, escondera-me atrás da porta e a vira chorando muito, com um frasco de comprimidos na mão. Ela dizia para si mesma que não podia fazer aquilo. Portanto, ela havia pegado aquele frasco de remédio e jogado pela janela. Eu descera para pegar os comprimidos azuis e guardara caso ela precisasse.

Nunca tinha contado a ela que guardara aqueles comprimidos, também nunca os havia devolvido nem jogado fora. Já mais velha, entendera o que eles eram. Havia guardado naquela gaveta

com chave e me esquecera deles. Depois de dois anos, com um turbilhão de emoções, destranquei a gaveta decidida a descobrir se o remédio de fato acalmava, se me ajudaria a dormir. Arriscando para saber se ainda faziam efeito, engoli dois de uma só vez.

As lágrimas cessaram e os tremores que tomavam meu corpo pararam. No entanto, algo ainda me incomodava. Aos poucos, minha visão foi escurecendo, até que não vi mais nada.

Vi-me deitada em folhas. Eu usava um vestido com a saia verde-clara e a parte de cima branca, com mangas de tule branco com brilho. Estava deitada em uma divisa; de um lado, árvores sem folha e com espinhos, do outro árvores enormes, que não davam para o topo. Alguns galhos tinham cristais pendurados e exalavam um cheiro doce.

— Tem alguém aí? Eu morri?

Comecei a olhar em volta e minhas pernas tremiam de medo.

— Seja bem-vinda. Não fique assustada — falou uma voz forte, contudo eu não via ninguém.

Ela vinha do lado da floresta feita de cristal.